

JORNADA DE TRABALHO

Fim da 6x1 desafia setores de operação contínua

Redução da jornada deve exigir novas escalas, reorganização de equipes e, em alguns casos, contratação de profissionais para manter serviços funcionando sete dias por semana

» FERNANDA STRICKLAND

A aprovação do fim da escala 6x1, na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) do Senado, amplia a discussão sobre os efeitos de uma eventual redução da jornada de trabalho para empresas e trabalhadores. Enquanto empregados podem ganhar mais tempo de descanso e qualidade de vida, setores que não podem interromper suas atividades precisarão encontrar formas de manter o funcionamento sem reduzir o atendimento.

Saúde, comércio, hotéis, bares e restaurantes estão entre as áreas que devem enfrentar os maiores desafios de adaptação. São atividades que, em muitos casos, funcionam aos fins de semana, durante longos períodos do dia ou até 24 horas. Para especialistas, a mudança deverá passar por uma combinação de novas escalas, reorganização dos turnos, aumento de equipes, tecnologia e revisão de processos.

A supervisora de loja Laura Ferreira vê a mudança, principalmente, pelo lado do trabalhador. Para ela, a atual rotina pode provocar desgaste físico e mental e limitar o tempo dedicado à vida pessoal. “Trabalhamos 8, 9 ou até 10 horas por dia e, quando percebemos, estamos deixando de viver momentos e etapas importantes da nossa própria vida”, afirma.

Laura defende que o fim da 6x1 representa mais do que uma alteração na quantidade de dias trabalhados. “O fim da escala 6x1, para mim, não é simplesmente sobre trabalhar menos, é sobre ter mais tempo de qualidade para viver bem.”

A preocupação das empresas, porém, está em como garantir que a redução da jornada não resulte em interrupção dos serviços. Caroline Nogueira, diretora executiva da Premium Essential Kitchen, afirma que o impacto tende a ser

Fotos: Arquivo pessoal



Laura Ferreira, supervisora de loja: “é sobre ter mais tempo de qualidade para viver bem”

maior justamente nas atividades que dependem da presença contínua dos trabalhadores. “É muito diferente reduzir a jornada de uma atividade administrativa e fazer isso em uma operação que precisa funcionar sete dias por semana, por muitas horas ao dia”, explica.

Segundo Caroline, alimentação coletiva, saúde, hotelaria, varejo, logística, segurança e limpeza precisam manter postos cobertos durante todo o período de funcionamento. No segmento de alimentação, por exemplo, não seria possível simplesmente interromper o serviço porque determinada equipe atingiu sua jornada semanal.

Atenção especial

Na saúde, a adaptação apresenta particularidades. Segundo o advogado Luis Henrique Borrozzino, sócio do M3BS Advogados e membro da Comissão de Direito do Trabalho da OAB/SP, parte relevante da assistência hospitalar

utiliza jornadas diferenciadas, especialmente a escala 12x36. Por isso, afirma, não seria adequado simplesmente substituir toda a operação por uma escala 5x2. A saúde também não se limita às atividades realizadas à beira do leito. Hospitais, clínicas, laboratórios e operadoras possuem estruturas administrativas e de apoio que também serão afetadas por uma eventual redução da jornada.

Para manter uma unidade funcionando 24 horas, será necessário considerar tanto os empregados próprios quanto os terceirizados. Limpeza, segurança, alimentação e manutenção, por exemplo, também precisam acompanhar a operação. “Em muitos casos”, afirma Borrozzino, poderá ser necessário contratar mais profissionais, embora o primeiro passo deva ser a reorganização das escalas e a busca por ganhos de produtividade.

O especialista alerta, ainda, para um possível efeito sobre a disponibilidade de mão de obra. A saúde

já enfrenta escassez de profissionais qualificados em determinadas funções e regiões. Se hospitais e empresas precisarem ampliar suas equipes simultaneamente, a disputa pelos mesmos trabalhadores poderá aumentar, pressionando salários e dificultando contratações.

Borrozzino também aponta que a automação pode ganhar espaço, principalmente nas atividades de apoio. Atendimento, autorizações, faturamento, logística e tarefas administrativas estão entre as áreas com maior possibilidade de utilização de tecnologia. Na assistência direta, entretanto, a substituição de trabalhadores é mais limitada.

Reorganização de turnos

No varejo, o desafio está especialmente relacionado às lojas que permanecem abertas durante toda a semana. De acordo com Ylana Miller, especialista em gestão de pessoas, a redução da jornada e a

garantia de dois dias de descanso exigirão uma reorganização da cobertura. “O varejo é um dos segmentos mais expostos à transição trabalhista”, afirma. O presidente do Sindicato do Comércio Varejista do Distrito Federal (Sindivarejista-DF), Sebastião Abritta, pontua que é necessário ter mais debates sobre o assunto. “Pensamos que não é o momento de votar no fim da escala antes de ter mais conversas sobre como vai funcionar. Estamos preocupados com o que pode acontecer com os empresários, visto o cenário do país”, afirma.

Lojas físicas abertas aos fins de semana poderão precisar de mais funcionários, divisão de turnos mais estruturada e investimentos em autoatendimento. Outra possibilidade apontada por Ylana é uma integração maior com o comércio eletrônico, reduzindo parte da dependência do atendimento presencial.

Caroline Nogueira também considera o comércio entre os setores mais afetados, porque não é possível simplesmente reduzir o horário de funcionamento na mesma proporção da jornada individual. Uma das alternativas seria investir em “engenharia de escala”, com equipes complementares, jornadas alternadas e turnos planejados de acordo com os períodos de maior demanda.

Sem pausa

Na hotelaria, a dificuldade está em serviços que não podem ser interrompidos. Governança e segurança, por exemplo, precisam garantir cobertura independentemente dos dias de descanso dos funcionários. Ylana aponta que a hotelaria combina essa necessidade de funcionamento contínuo com custos fixos elevados. Nesse cenário, serviços digitais podem ajudar a minimizar parte da pressão provocada pela necessidade de ampliar equipes.